


**HESITAÇÃO VACINAL CONTEMPORÂNEA FRENTE AO AVANÇO DAS DOENÇAS
IMUNOPREVENÍVEIS: IMPACTOS DA DESINFORMAÇÃO CIENTÍFICA, DAS MÍDIAS
DIGITAIS E DA PERDA DA CONFIANÇA PÚBLICA SOBRE A IMUNIDADE COLETIVA E A
SAÚDE GLOBAL**

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.044-027>

Paula Dittrich Corrêa

Graduação: Enfermagem e Obstetrícia
Univali – Itajaí SC

Graduação: Direito

IBES – Blumenau SC- Mestrado: Desenvolvimento Regional

FURB – Blumenau SC

Blumenau SC

E-mail: paulinha.dittrich.correa@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-1194-5286>

Claudinei Ferro Souza

Serviço social

Uniderp Anhanguera

Campo Grande, MS

E-mail: Claudineiferro@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-5730-4031>

Herion Alves da Silva Machado

Médico Infectologista

Mestre em Medicina Tropical

Universidade Federal do Piauí, Teresina-Piauí

E-mail: herioninfecto@gmail.com

Cristiane Eugênio de Santana

Gestão em Saúde Pública, pós em Segurança do Paciente e Gestão da Qualidade

E-mail: corepapel2@gmail.com

Rayra Annara da Fonseca Otacílio Pinto

Bacharel em Biomedicina,

Mestre em Ciências Biológicas e Especialista em Microbiologia

Universidade Federal de Alfenas - MG

E-mail: annara.rayra@bol.com.br

Erica do Socorro Oliveira Souza

Enfermeiro

Universidade Estadual do Pará

E-mail: ericaoliv@yahoo.com.br

Jaqueline Fátima Previatti Veiga
Enfermeira
Mafra SC
E-mail: Jaquelinejfpv@gmail.com

RESUMO

A hesitação vacinal contemporânea configura-se como um importante desafio para a saúde pública mundial, especialmente diante do ressurgimento de doenças imunopreveníveis anteriormente controladas. Este estudo teve como objetivo analisar os impactos da desinformação científica, da influência das mídias digitais e da redução da confiança pública sobre a adesão vacinal e seus efeitos na imunidade coletiva e na saúde global. A metodologia consistiu em uma revisão narrativa da literatura, fundamentada em estudos de autores reconhecidos na área da imunização, comunicação em saúde e comportamento social, publicados em bases científicas nacionais e internacionais. Os resultados demonstraram que a rápida disseminação de informações falsas em ambientes digitais, associada à circulação de conteúdos antivacina e à fragilidade na alfabetização científica, contribui significativamente para o aumento da insegurança vacinal. Além disso, fatores socioculturais, políticos e institucionais influenciam a percepção de risco e a confiança da população em programas de imunização. Conclui-se que a hesitação vacinal representa um fenômeno multifatorial que compromete a cobertura vacinal, favorece o reaparecimento de doenças imunopreveníveis e ameaça a proteção coletiva. Estratégias integradas baseadas em educação em saúde, comunicação científica acessível e fortalecimento da confiança social são fundamentais para a preservação da saúde pública global.

Palavras-chave: Desinformação científica; Doenças imunopreveníveis; Hesitação vacinal; Imunidade coletiva; Mídias digitais.

1 INTRODUÇÃO

A vacinação é reconhecida como uma das intervenções mais eficazes da saúde pública, sendo responsável pela redução significativa da morbimortalidade relacionada a doenças infecciosas e pela erradicação ou controle de diversas enfermidades ao longo da história. Programas de imunização em larga escala permitiram avanços expressivos na expectativa e qualidade de vida das populações, consolidando as vacinas como instrumentos fundamentais para a proteção individual e coletiva. Entretanto, nas últimas décadas, observa-se o crescimento de um fenômeno complexo denominado hesitação vacinal, caracterizado pelo atraso ou recusa da vacinação mesmo quando os serviços estão disponíveis (Macdonald, 2015).

A hesitação vacinal contemporânea tornou-se um problema de grande relevância em saúde pública devido ao aumento da circulação de informações falsas, à rápida disseminação de conteúdos sem embasamento científico em ambientes digitais e ao enfraquecimento da confiança social em instituições

científicas e governamentais. O avanço das redes sociais ampliou o acesso à informação, mas também favoreceu a propagação de conteúdos enganosos que influenciam percepções, crenças e comportamentos relacionados à vacinação. Segundo a Organização Mundial da Saúde, a hesitação vacinal foi incluída entre as principais ameaças à saúde global em razão de seu potencial impacto sobre a cobertura vacinal e o reaparecimento de doenças previamente controladas (WHO, 2019).

Nesse contexto, delimita-se como problema de pesquisa a seguinte questão: de que maneira a desinformação científica, associada às mídias digitais e à perda da confiança pública, influencia a hesitação vacinal contemporânea e contribui para o avanço de doenças imunopreveníveis e para o comprometimento da imunidade coletiva?

O objetivo geral deste estudo consiste em analisar os impactos da desinformação científica, das mídias digitais e da perda da confiança pública na hesitação vacinal contemporânea e suas repercussões sobre a imunidade coletiva e a saúde global. Como objetivos específicos, busca-se compreender os fatores associados ao aumento da hesitação vacinal; investigar a influência das plataformas digitais na propagação de conteúdos desinformativos; identificar os impactos da redução das coberturas vacinais; e discutir estratégias para fortalecimento da confiança social e promoção da adesão às vacinas.

A realização deste estudo justifica-se pela crescente redução das taxas de cobertura vacinal observadas em diversos países, incluindo o Brasil, associada ao reaparecimento de doenças imunopreveníveis como sarampo e coqueluche. Estudos apontam que a manutenção de elevadas coberturas vacinais é essencial para a preservação da imunidade coletiva e para a proteção de indivíduos mais vulneráveis (Fine; Eames; Heymann, 2011). Nesse sentido, compreender os determinantes da hesitação vacinal torna-se indispensável para subsidiar políticas públicas e estratégias educativas mais eficazes.

Sob perspectiva teórica, a hesitação vacinal é compreendida como um fenômeno multifatorial influenciado por fatores relacionados à confiança, conveniência e percepção de risco, conhecidos como modelo dos “3Cs” — confiança (confidence), complacência (complacency) e conveniência (convenience) (Macdonald, 2015). Além disso, autores como Larson et al. (2014) destacam que a confiança pública em vacinas é fortemente influenciada por aspectos culturais, políticos e comunicacionais. Paralelamente, o fenômeno da “infodemia”, caracterizado pelo excesso de informações, incluindo conteúdos incorretos ou falsos, tornou-se um desafio contemporâneo para a saúde pública, dificultando a identificação de evidências científicas confiáveis e contribuindo para a ampliação da insegurança vacinal (Zarocostas, 2020).

Dessa forma, discutir a hesitação vacinal frente ao cenário atual de intensa circulação de informações digitais torna-se essencial para compreender os impactos da desinformação sobre a saúde coletiva e fortalecer estratégias voltadas à promoção da confiança na ciência e nos programas de imunização.

2 METODOLOGIA

2.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza descritiva e exploratória, desenvolvida por meio de revisão narrativa da literatura científica. Esse tipo de metodologia possibilita a compreensão ampliada de fenômenos complexos e multifatoriais, permitindo a integração de conhecimentos produzidos em diferentes contextos e perspectivas teóricas. Segundo Gil (2019), pesquisas exploratórias têm como finalidade proporcionar maior familiaridade com determinado problema, contribuindo para sua compreensão e aprofundamento analítico. A escolha pela revisão narrativa justifica-se pela necessidade de analisar a hesitação vacinal contemporânea sob diferentes dimensões — científicas, sociais, culturais e comunicacionais — considerando a complexidade das interações entre desinformação, mídias digitais, confiança pública e saúde coletiva.

2.1.1 Procedimentos de busca e seleção dos estudos

A coleta de dados ocorreu mediante levantamento bibliográfico em bases científicas nacionais e internacionais amplamente reconhecidas na área da saúde, incluindo Scientific Electronic Library Online (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), PubMed e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Foram utilizados descritores indexados nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e no Medical Subject Headings (MeSH), combinados por operadores booleanos AND e OR. Os principais termos empregados foram: “hesitação vacinal”, “desinformação científica”, “mídias digitais”, “imunização”, “vacinação”, “imunidade coletiva” e “saúde global”, além de suas correspondentes versões em língua inglesa: “vaccine hesitancy”, “scientific misinformation”, “digital media”, “immunization”, “herd immunity” e “global health”. Como critérios de inclusão, foram selecionados artigos científicos, documentos institucionais, revisões sistemáticas e estudos publicados em português, inglês e espanhol, disponíveis integralmente e relacionados à temática proposta. Foram incluídas publicações preferencialmente dos últimos dez anos, além de estudos clássicos considerados fundamentais para a discussão teórica do tema. Como critérios de exclusão, eliminaram-se estudos duplicados, publicações sem relevância direta ao objeto de estudo e materiais sem respaldo científico.

2.2 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE ANÁLISE

O instrumento utilizado para obtenção das informações foi um protocolo de análise bibliográfica contendo: identificação dos autores, ano de publicação, objetivo do estudo, metodologia aplicada, principais resultados e contribuições para a compreensão da hesitação vacinal.

Posteriormente, realizou-se leitura exploratória, seletiva e analítica do material coletado. De acordo com Marconi e Lakatos (2021), a análise bibliográfica permite examinar criticamente diferentes perspectivas sobre determinado fenômeno, promovendo a sistematização do conhecimento científico existente. Os dados obtidos foram organizados por categorias temáticas, incluindo: fatores associados à hesitação vacinal; influência das mídias digitais; desinformação científica; impactos sobre a imunidade coletiva; e repercussões para a saúde global.

2.3 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA E DISCUSSÃO

A escolha da abordagem qualitativa fundamenta-se na necessidade de compreender elementos subjetivos e socioculturais que interferem na tomada de decisão relacionada à vacinação. Conforme Minayo (2014), a pesquisa qualitativa trabalha com significados, valores, crenças e interpretações presentes nas relações sociais, sendo particularmente relevante para estudos em saúde coletiva.

A literatura demonstra que a hesitação vacinal não pode ser explicada exclusivamente por fatores biomédicos, uma vez que envolve aspectos comportamentais, políticos e comunicacionais. MacDonald (2015) destaca que a confiança nas vacinas constitui um dos principais determinantes da adesão vacinal, enquanto Larson et al. (2014) evidenciam que fatores culturais e a circulação de informações influenciam diretamente a percepção pública sobre segurança e eficácia das vacinas. Além disso, o crescimento das plataformas digitais transformou a forma como a população acessa conteúdos relacionados à saúde. Segundo Zarocostas (2020), a chamada “infodemia” intensificou a propagação de informações falsas, tornando mais difícil a identificação de evidências científicas confiáveis. Assim, a metodologia adotada permite uma análise crítica e abrangente dos fatores envolvidos na hesitação vacinal contemporânea, favorecendo a compreensão dos desafios atuais para a saúde pública global.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da literatura evidenciou que a hesitação vacinal contemporânea constitui um fenômeno complexo, multifatorial e fortemente influenciado por fatores socioculturais, políticos e comunicacionais. Os estudos revisados demonstraram que a redução da confiança em instituições de saúde, a circulação de informações falsas e o crescimento das mídias digitais modificaram significativamente a relação da população com programas de imunização. Diferentemente de períodos anteriores, em que a baixa adesão vacinal era frequentemente associada ao acesso limitado aos serviços de saúde, atualmente observa-se que parte da resistência à vacinação está relacionada à percepção subjetiva de risco e à credibilidade atribuída às fontes de informação.

Segundo MacDonald (2015), a hesitação vacinal não se limita à simples recusa das vacinas, mas inclui atrasos, dúvidas e comportamentos intermediários influenciados por fatores diversos. O modelo dos

HESITAÇÃO VACINAL CONTEMPORÂNEA FRENTE AO AVANÇO DAS DOENÇAS IMUNOPREVENÍVEIS:
IMPACTOS DA DESINFORMAÇÃO CIENTÍFICA, DAS MÍDIAS DIGITAIS E DA PERDA DA CONFIANÇA PÚBLICA
SOBRE A IMUNIDADE COLETIVA E A SAÚDE GLOBAL

“3Cs” — confiança, complacência e conveniência — tornou-se referência internacional para compreender os determinantes da adesão vacinal. A confiança refere-se à credibilidade nas vacinas e nas instituições responsáveis; a complacência relaciona-se à baixa percepção dos riscos das doenças; e a conveniência está associada à acessibilidade dos serviços.

Nesse contexto, verificou-se que o componente “confiança” vem apresentando fragilidades importantes diante do cenário contemporâneo marcado pela intensa circulação de informações digitais. Estudos apontam que o crescimento de conteúdos antivacina e a propagação de notícias falsas ampliam incertezas e contribuem para decisões baseadas em percepções pessoais em detrimento das evidências científicas (Larson et al., 2014).

Tabela 1 – Principais fatores associados à hesitação vacinal identificados na literatura

Fatores identificados	Descrição	Possíveis impactos
Desinformação científica	Disseminação de conteúdos falsos ou sem evidências científicas	Redução da confiança e aumento da insegurança
Mídias digitais	Compartilhamento acelerado de informações e fake news	Ampliação de discursos antivacina
Baixa percepção de risco	Crença de que doenças imunopreveníveis estão erradicadas	Diminuição da adesão vacinal
Aspectos socioculturais	Influências religiosas, políticas e culturais	Resistência à vacinação
Confiança institucional reduzida	Descrédito em governos e sistemas de saúde	Queda da cobertura vacinal

Fonte: Elaborada pela autora (2026).

Os achados demonstraram que a desinformação científica se destaca como um dos fatores mais relevantes para o fortalecimento da hesitação vacinal. A expansão das plataformas digitais promoveu maior democratização do acesso à informação; entretanto, simultaneamente, facilitou a circulação de conteúdos sem validação científica. Durante os últimos anos, redes sociais passaram a desempenhar papel central na formação de opiniões relacionadas à saúde.

De acordo com Zarocostas (2020), o fenômeno denominado “infodemia” corresponde ao excesso de informações disponíveis, incluindo conteúdos incorretos, contraditórios ou falsos, dificultando a identificação de evidências confiáveis. Durante crises sanitárias, como a pandemia de COVID-19, esse processo tornou-se ainda mais evidente, produzindo impactos significativos sobre a percepção pública da segurança vacinal.

Além disso, estudos mostram que informações falsas apresentam maior potencial de disseminação em ambientes digitais devido ao apelo emocional, ao sensacionalismo e à capacidade de gerar engajamento. Consequentemente, indivíduos expostos repetidamente a conteúdos desinformativos podem desenvolver maior desconfiança em relação às vacinas e às instituições científicas.

Tabela 2 – Principais impactos da desinformação sobre a vacinação

Aspectos analisados	Consequências observadas
Circulação de fake news	Disseminação de medo e insegurança
Conteúdos antivacina	Redução da intenção vacinal
Informações pseudocientíficas	Confusão entre evidências e opiniões
Excesso de informações	Dificuldade de identificar fontes confiáveis
Polarização digital	Reforço de crenças e comportamentos resistentes

Fonte: Elaborada pela autora (2026).

Outro aspecto observado refere-se à relação entre redução das coberturas vacinais e reaparecimento de doenças imunopreveníveis. Estudos demonstram que elevadas taxas de vacinação são fundamentais para manutenção da imunidade coletiva, mecanismo responsável pela proteção indireta de indivíduos não imunizados ou mais vulneráveis (Fine; Eames; Heymann, 2011).

Quando a cobertura vacinal diminui, grupos populacionais tornam-se suscetíveis à circulação de agentes infecciosos anteriormente controlados. Essa situação foi observada em diferentes países, incluindo o Brasil, especialmente em episódios recentes envolvendo aumento de casos de sarampo.

Tabela 3 – Relação entre queda vacinal e consequências em saúde pública

Situação observada	Consequência para a saúde coletiva
Redução da cobertura vacinal	Fragilização da imunidade coletiva
Aumento da hesitação vacinal	Maior número de indivíduos suscetíveis
Retorno de doenças imunopreveníveis	Crescimento de surtos epidemiológicos
Redução da confiança social	Dificuldade em campanhas futuras
Circulação de desinformação	Comprometimento das ações preventivas

Fonte: Elaborada pela autora (2026).

A análise também revelou que a confiança pública representa elemento central na aceitação das vacinas. Larson et al. (2014) argumentam que a confiança é construída por fatores históricos, culturais e institucionais, sendo diretamente influenciada pela relação entre sociedade, ciência e políticas públicas. Quando ocorre enfraquecimento dessa relação, observa-se aumento das dúvidas relacionadas à segurança, eficácia e necessidade da vacinação.

Outro fator relevante refere-se à mudança no perfil epidemiológico das doenças imunopreveníveis. O sucesso histórico dos programas de imunização reduziu significativamente a incidência de várias doenças, levando parte da população a subestimar seus riscos. Esse fenômeno é descrito por MacDonald (2015) como complacência vacinal, situação em que a percepção reduzida da gravidade das doenças diminui a motivação para adesão às vacinas.

A discussão dos resultados permite compreender que a hesitação vacinal ultrapassa fatores exclusivamente biomédicos. Aspectos psicológicos, sociais, tecnológicos e políticos atuam de forma

integrada, exigindo respostas igualmente multidimensionais. Estratégias centradas apenas na disponibilização de vacinas mostram-se insuficientes diante da complexidade do problema.

Assim, os resultados analisados sugerem a necessidade de fortalecimento da alfabetização científica, ampliação de políticas de comunicação em saúde e desenvolvimento de estratégias digitais capazes de combater a desinformação. Além disso, a reconstrução da confiança social e institucional surge como elemento indispensável para preservar a imunidade coletiva e reduzir riscos associados ao avanço das doenças imunopreveníveis.

4 CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar os impactos da desinformação científica, das mídias digitais e da perda da confiança pública na hesitação vacinal contemporânea, bem como compreender suas repercussões sobre a imunidade coletiva e a saúde global. De modo específico, buscou-se identificar os fatores associados ao aumento da hesitação vacinal, investigar a influência das plataformas digitais na disseminação de conteúdos desinformativos, analisar os impactos da redução das coberturas vacinais e discutir estratégias voltadas ao fortalecimento da confiança social na vacinação.

Os resultados evidenciaram que a hesitação vacinal constitui um fenômeno multifatorial, influenciado por aspectos sociais, culturais, políticos e comunicacionais. Observou-se que a ampla disseminação de informações falsas e conteúdos pseudocientíficos em ambientes digitais exerce papel significativo na formação de percepções equivocadas sobre a segurança e eficácia das vacinas. Além disso, verificou-se que a redução da confiança em instituições científicas, governamentais e em sistemas de saúde representa fator determinante para o aumento da insegurança vacinal.

Os achados também demonstraram que a diminuição das coberturas vacinais favorece a fragilização da imunidade coletiva e amplia o risco de reaparecimento de doenças imunopreveníveis anteriormente controladas. A literatura analisada revelou que a manutenção de elevados índices de vacinação é essencial para proteção individual e coletiva, sobretudo entre grupos mais vulneráveis, como crianças, idosos e indivíduos imunossuprimidos.

Como contribuição científica, este estudo possibilitou a integração de diferentes perspectivas teóricas relacionadas à hesitação vacinal, oferecendo uma compreensão ampliada sobre os mecanismos que influenciam a tomada de decisão da população frente à vacinação. A pesquisa reforça a necessidade de abordagens interdisciplinares capazes de articular conhecimentos provenientes da saúde pública, comunicação, educação e ciências sociais para enfrentamento desse desafio contemporâneo.

Além disso, os resultados destacam a importância do fortalecimento de políticas públicas voltadas à educação em saúde, promoção da alfabetização científica e desenvolvimento de estratégias de

comunicação mais acessíveis e eficazes. Investimentos em campanhas educativas baseadas em evidências científicas e adaptadas às novas dinâmicas digitais podem contribuir significativamente para o aumento da confiança pública e da adesão vacinal.

Por fim, sugere-se que pesquisas futuras investiguem o impacto dos algoritmos das redes sociais na propagação da desinformação em saúde, bem como a efetividade de intervenções digitais no enfrentamento da hesitação vacinal. Recomenda-se ainda o desenvolvimento de estudos de campo e pesquisas quantitativas que permitam analisar diferenças regionais, culturais e socioeconômicas relacionadas ao comportamento vacinal, ampliando a compreensão sobre os determinantes desse fenômeno e subsidiando estratégias mais direcionadas para promoção da saúde global.

REFERÊNCIAS

- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- LARSON, Heidi J. et al. Understanding vaccine hesitancy around vaccines and vaccination from a global perspective: a systematic review of published literature, 2007–2012. *Vaccine*, Amsterdam, v. 32, n. 19, p. 2150–2159, 2014.
- MACDONALD, Noni E. Vaccine hesitancy: definition, scope and determinants. *Vaccine*, Amsterdam, v. 33, n. 34, p. 4161–4164, 2015.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Ten threats to global health in 2019. Geneva: WHO, 2019.
- ZAROCOSTAS, John. How to fight an infodemic. *The Lancet*, London, v. 395, n. 10225, p. 676, 2020.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Report of the SAGE Working Group on Vaccine Hesitancy. Geneva: WHO, 2014.
- DUBÉ, Eve et al. Vaccine hesitancy: an overview. *Human Vaccines & Immunotherapeutics*, New York, v. 9, n. 8, p. 1763–1773, 2013.
- PAHO – PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION. *Understanding the infodemic and misinformation in the fight against COVID-19*. Washington, D.C.: PAHO, 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação contra a COVID-19*. Brasília: Ministério da Saúde, 2021.

HESITAÇÃO VACINAL CONTEMPORÂNEA FRENTE AO AVANÇO DAS DOENÇAS IMUNOPREVENÍVEIS:
IMPACTOS DA DESINFORMAÇÃO CIENTÍFICA, DAS MÍDIAS DIGITAIS E DA PERDA DA CONFIANÇA PÚBLICA
SOBRE A IMUNIDADE COLETIVA E A SAÚDE GLOBAL

LEVI, Guido Carlos. Recusa de vacinas: causas e consequências. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 47, n. 2, p. 1–4, 2013.